

Os desafios da Banca e do Sistema Financeiro

Desde 2008, os Bancos passaram a ser alvo fácil da comunicação social e tema de conversas depreciativas sobre os mais variados aspetos da sua atividade.

Uma abordagem mais construtiva deve, contudo, ter em conta que não há crescimento económico sem Bancos bem capitalizados. Tal como não haverá crescimento sem empresas financeiramente capacitadas para a gestão corrente e para o investimento.

Impõe-se, portanto, encontrar soluções que tenham presente o quadro de restrições e de problemas com que a Banca se vem confrontando nos últimos anos.

Aquele quadro pode representar-se graficamente por um quadrado em que cada vértice corresponde a um conjunto de problemas/restições. No meio do quadrado estão os Bancos e os seus decisores.

Quais são os vértices daquele quadrado? Sintetizando, eles são:

- 1- As diversas "instabilidades" de carácter político, social e económico que são transversais aos diversos grandes espaços económicos gerando baixo crescimento e desequilíbrios orçamentais, dívida pública e privada com reflexo nos pagamentos aos Bancos;
- 2- Regulação cada vez mais pesada e onerosa para os operadores com exigências acrescidas de capital social;
- 3- Mercados com excesso de concorrência na captação dos melhores clientes (de baixo risco) com correspondente esmagamento de margens financeiras e com elevada volatilidade fruto das incertezas resultantes das referidas instabilidades e do actual cenário das taxas de juro;
- 4- Taxas de juro muito baixas (próximas de zero) com reflexos no preço do crédito.

Neste quadro, a rentabilidade do negócio bancário na Europa encontra-se fortemente comprometida com o conseqüente afastamento dos investidores, sobretudo dos que poderiam assumir posições estratégicas de controle.

Os EUA, que foram o país onde primeiro se manifestou a crise bancária, promoveram uma rápida limpeza de balanços dos seus Bancos, logo em 2008 e uma política de cedência de liquidez ("quantitative easing") pelo Banco Central

destinada a robustecer a procura na economia, política essa que a Europa copiou com 3 anos de atraso e de forma mais hesitante.

Acresce que nos EUA o financiamento da economia é assegurado em 80% pelos mercados de capitais e em apenas 20% pelos Bancos, pelo que a economia americana "sofreu" muito menos com os problemas dos bancos e estes "sofrem" menos com os problemas da economia real (porque partilham essa responsabilidade, em larga medida, com o mercado de capitais).

O resultado de tudo isto é que os Bancos Americanos têm uma posição mais favorável nos mercados onde actuam com ganhos de competitividade fortíssimos face aos seus concorrentes europeus e japoneses.

As Autoridades políticas e os Reguladores Europeus devem olhar para os Bancos e para os Mercados Financeiros Europeus com um espírito de renovação construtiva e tendo em conta que, sem condições de rentabilidade, os Banco Europeus serão suplantados pela Banca dos EUA, com tudo o que isso representará em termos de perda de competitividade de toda a economia europeia.

Bernardo Meyrelles

CCO Deutsche Bank Portugal

Membro do Conselho Directivo do Forum para a Competitividade

24-06-2016